

RESENHA

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004. 285 p.

Dra. Lúcia Maria Vaz Peres
lvperes@terra.com.br

Dnda. Flávia Griep Mancini
mancini_fg@yahoo.com.br

Dra. Valeska Maria Fortes de Oliveira
guiza@terra.com.br

Nosso ponto de vista sobre o presente livro está intimamente relacionado ao modo como vimos pesquisando narrativas de Histórias de Vidas à luz deste referencial. A autora Marie-Christine Josso é professora aposentada da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra. Cursou doutorado em Ciências da Educação, com a tese intitulada *Cheminer vers soi* (Caminhar para si)¹, publicada em 1991, na qual enfatiza o trabalho sobre a narrativa de vida como a passagem de uma tomada de consciência da formação do sujeito para a emergência de um sujeito da formação. É também membro-fundadora da Associação Internacional das Histórias de Vida em Formação (ASIHVIF). Ao longo de sua trajetória, tem se voltado aos estudos sobre histórias de vida como projeto de (auto) conhecimento e formação.

A obra chama a atenção do leitor no que se refere à história dos aprendentes e da sua relação com o saber; sobre o entusiasmo pelo singular, pela individualidade, pelo sujeito, pelo vivido, pelo experiencial, pela globalidade concreta, pelo existencial e pela complexidade dos processos de formação no movimento de ideias. De fato, é uma publicação que trouxe importante contribuição no âmbito das histórias de vida, tendo a perspectiva existencialista como foco principal. Isso é possível perceber desde o prefácio da obra, escrito por António Nóvoa, no qual ele reforça a ideia preconizada pela autora, no decurso das 285 páginas, de que “todo o conhecimento é autoconhecimento”. Nesse sentido, o formador forma-se a si próprio, a partir de quatro grandes instâncias: **1)** por meio da reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (autoformação); **2)** na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e às emoções (heteroformação); **3)** por intermédio das coisas (saberes, técnicas, culturas, artes, tecnologias); e **4)** pela compreensão crítica (ecoformação).

Na apresentação desta edição nacional, a pesquisadora brasileira, Cecília Warschauer, afirma, consoante com Josso, que o trabalho com narrativas de vida possibilita explicitar singularidades, vislumbrar o universal e perceber o caráter processual da formação e da vida. Isso ocorre num jogo de articulação de espaços, tempos e nas diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida.

A obra de Marie-Christine Josso apresenta-se dividida em três partes, todas compostas por quatro capítulos sequenciais e conclusão, na qual a autora chama a atenção para a necessidade da revalorização do imaginário, para a mutação da cultura.

A primeira parte, intitulada **A formação no centro das narrativas de vida: contribuição para uma teoria da formação na perspectiva do sujeito aprendente**, explica a importância da formação nas “narrativas de vida” e busca contribuir para uma teoria da formação a partir do sujeito aprendente.

A segunda parte, denominada **As histórias de vida como metodologia de pesquisa-formação** – dedica-se a um dos aspectos centrais das histórias de vida, a sua definição como metodologia de pesquisa e de formação.

E a terceira – **Contribuições do saber biográfico para a concepção de dispositivos de formação** – mostra um conjunto de procedimentos teórico-metodológicos que ilustram a utilização dessas abordagens na concepção de dispositivos de formação.

O **capítulo I** aborda o tema das experiências ao longo das quais se formam identidades e subjetividades; o pensar a formação do ponto de vista do aprendente; o aprender como processo de integração. As narrativas de formação servem como material para compreender os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem. Momento em que a autora chama a atenção sobre o uso da construção da narrativa como uma “atividade psicossomática que pressupõe a narração de si mesmo, sob o ângulo da sua formação, por meio de recurso a *recordações-referências*” (p. 39). Este é um dos conceitos fundantes da obra, uma vez que tais recordações podem ser decisivas na simbólica orientadora de uma vida. Outra contribuição a ser ressaltada diz respeito ao fato de que o uso da construção da narrativa de formação de cada indivíduo conduz a uma reflexão antropológica (no sentido de evidenciar as características do ser humano)², ontológica (por retomar o questionamento socrático: “quem sou eu”?) e axiológica (no sentido de visibilizar os eixos estruturantes e orientadores da existência).

No **capítulo II**, a autora aborda o tema da experiência formadora – um conceito em construção. Afirma que há três gêneros de aprendizagem e de conhecimento: **existenciais** (como é que eu me conheço como ser psicossomático?), **instrumentais e pragmáticos** (como é que eu me conheço como ser capaz de interagir com as coisas, a natureza e os homens?) e **compreensivos e explicativos** (como é que eu me conheço como ser capaz de representações?).

No **capítulo III**, o foco encontra-se no “caminhar para si” – um processo-projeto de conhecimento da existencialidade. Há três níveis que permitem caracterizar as grandes etapas do trabalho biográfico ao longo do processo: nível 1 – evidência do processo de formação; nível 2 – evidência do processo de conhecimento; e nível 3 – evidência dos processos de aprendizagem. Neste capítulo, Josso brinda-nos com outro importante conceito, o de “*momentos ou acontecimentos charneira*”, aqueles que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de águas” (nas palavras da autora); acontecimentos que separam, dividem, articulam as etapas da vida.

A concepção de formação para Josso é como uma busca da arte de viver em ligação e partilha. Este é o foco do **capítulo IV**, que encerra a primeira parte do livro.

A pesquisadora afirma que o material “Histórias de Vida” permite colocar em evidência os referenciais, as estratégias e os recursos utilizados na procura de um ‘saber-viver’ a própria existencialidade. Defende a premissa de que há quatro buscas orientadoras dos itinerários e das escolhas de vida: a **busca de felicidade**, a **busca de si e de nós**, a **busca de conhecimento ou busca do ‘real’** e a **busca de sentido**.

Josso traz à luz quatro figuras antropológicas, que se relacionam a cada uma das quatro posições existenciais, ou seja, “o sábio” – posição de desprendimento; “o prisioneiro” – posição de expectativa; “o conquistador” – posição de intencionalidade; e “o servidor” – posição de refúgio.

Na **segunda parte** da obra, nos capítulos V e VI, a autora volta-se às abordagens biográficas como metodologia de pesquisa-formação, realçando questionamentos e instigando possibilidades para problematizar as histórias de vida. Ao longo destes capítulos, leva-nos a pensar nas seguintes questões: “Como as experiências da minha vida contribuem para os sentidos que dou àquilo que vivi? O que aconteceu para que eu viesse a ter as ideias que hoje tenho? Como dizer as coisas para que sejam compreensíveis para os outros? Como é que me formei?”. O foco da reflexão é explicitado nos títulos de abertura dos respectivos capítulos. A saber: “Uma experiência formadora: a abordagem biográfica como metodologia de pesquisa-formação” e “O poder transformador das narrativas de vida centradas na formação, à luz dos diferentes papéis desempenhados na sua construção e interpretação”.

“Caminhar com’: interrogações e desafios postos pela pesquisa de uma arte da convivência em Histórias de Vida” intitula o **capítulo VII**. Nele, a autora acena o processo do trabalho biográfico nas qualidades das quatro figuras antropológicas desempenhadas durante esse percurso: **Amador, Ancião, Balseiro e Animador**. Tais funções antropológicas caracterizam o processo deste caminhar nas suas diferentes etapas e papéis desempenhados durante o trajeto, através do **autor-contador, autor-escritor, autor-leitor, ator-ouvinte, ator-leitor, ator-pesquisador, ator-aprendente**.

Encerrando a segunda parte da obra, no **capítulo VIII**, tem-se a abordagem voltada para “as dimensões formadoras da escrita da narrativa da história de vida: da estranheza do outro à estranheza de si”. Esta obra mostra, pontualmente, que o desafio de escrita das narrativas de uma história de vida faz emergir interrogações sobre a escrita das experiências e sobre o posicionamento do escritor. Três eixos permitem explicitar a natureza dessas interrogações: a escrita como arte da evocação, a escrita como construção de sentido e a escrita como pesquisa. Visto que nem tudo pode ser contado, é preciso, pois, evocar experiências que são suficientemente significativas para compreender as correntes que animam o movimento de vida, escolher experiências que são apresentadas como testemunhos da construção identitária, em direção a outros tantos paradigmas de um trajeto formativo.

Adentrando o **capítulo IX**, já na terceira parte, a autora trata de questões referentes à “formação como arte do tempo”. Salientamos uma de Josso que diz: “Com que águas regamos, alimentamos, o nosso imaginário?” Novamente, retorna às quatro figuras antropológicas, relacionando-as à formação como construção de si e de sentido.

O **capítulo X** trata de refletir sobre “A história de vida num dispositivo de pesquisa-formação: uma mediação para o conhecimento da subjetividade”. A autora elucida-nos de que maneira a experiência de pesquisa-formação oferece potencialidades de produção de conhecimento e de exploração ou de aprofundamento de saber-fazer em três níveis: 1) o **nível individual** – trata da subjetividade, dos projetos e processos pessoais; 2) o **nível metodológico** – utilizações potenciais da abordagem biográfica vinculada às atividades de pesquisa-formação; 3) o **nível teórico** – fala da formação e seus processos, no que tange às atividades educativas com adultos.

“Formar-se quando adulto: desafios e riscos, apostas, recursos e dificuldades” é o título do **capítulo XI**, o qual encaminha reflexões sobre a compreensão do ato de aprendizagem, do processo que o caracteriza e dos processos que lhe são inseparáveis. A autora brinda-nos com um relato a respeito dos efeitos da aprendizagem fora do campo das situações educativas.

Finalmente, no último capítulo do livro – “Os projetos entre aberturas à vida e suportes imaginários de nossa incompletude” – Josso debruça-se sobre a prática do projeto *como uma mediação para se aprender a aprender*. O foco desta abordagem reside na apresentação de uma *fenomenologia antropológica do projeto*. Essa perspectiva de abordagem sobre projetos de vida acena para temporalidades biográficas

e históricas, no sentido de driblar as faces do espaço (sem contornos definidos, *ilimitado*) e do tempo (que não tem permanência definitiva, *impermanência*), num jogo de aprender a arte de viver a própria fenomenalidade.

A proposta conclusiva do livro de “Revalorizar o imaginário na formação, para inventar a mutação cultural” salienta a importância do imaginário como uma dimensão capaz de trazer à luz outras linguagens como potências e vias, para fazer emergir novas possibilidades de leitura e interpretação para as narrativas de histórias de vida. Isso porque elas tocam nas fronteiras do racional e do imaginário, uma vez que a narrativa não está assentada no real, mas, sobretudo, estão presentes aspectos relacionados ao sensível e ao fabulatório. São estes fortes elos que nos unem à corrente do *antropos* que habita ilimitada e impermanentemente a história singular de cada vida vivida, narrada ou não. Portanto, a formação humana está “ligada” aos elos da herança cultural e da singularidade criadora. Nesse sentido, ao propor a revalorização do imaginário, a autora instiga-nos a pensar outros modelos educativos nos quais não haja dominância do racional.

As “histórias de formação” apontam possibilidades de mediações capazes de redescobrir essas dimensões esquecidas do imaginário. Isso para mostrar como tais dimensões permanecem vivas dentro de nós. Sobretudo, como alimentam o nosso ganhar forma na direção que entendemos ser uma arte de viver em ligação e partilha. Ou seja, uma busca que toma a vida como uma obra de arte. Tais dimensões mostram, também, a possibilidade de, olhando um pouco no que nos tornamos, darmos passagem a outras formas de vida, numa invenção de si, na produção de um coletivo mais saudável.

Notas

- 1 Em breve será publicada a versão em português, pela EDIPUC-RS.
- 2 Fundamentalmente, inspirada na obra do antropólogo Gilbert Durand.

Lúcia Maria Vaz Peres

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Católica de Pelotas (1982) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999). Atualmente é professora na categoria Associado nível I, Faculdade de Educação, na Universidade Federal de Pelotas. Desenvolve atividades de docência na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Na graduação do Curso de Pedagogia, trabalha na área da Psicologia e, na pós no Curso de Mestrado e Doutorado, desenvolve estudos e pesquisas na área do Imaginário. Nesse programa participa da linha de Cultura Escrita: linguagens e aprendizagem, tendo como temática de pesquisa os estudos do Imaginário e das Representações, com foco na autobiografia, pesquisa-formação, processos humanos (auto)formadores. É líder do grupo de Estudo e Pesquisa: Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM), sediado no CNPq e vice-líder do Grupo de Estudos e sobre Imaginário Social e Educação (GEPEIS/UFSM). Representante da Região Sul na Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica.

Flávia Griep Mancini

Possui graduação em Licenciatura Plena em Português e Inglês pela Universidade Católica de Pelotas (1994), especialização em Gramática Textual pela Universidade Católica de Pelotas (1997) e mestrado

em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas (2003). Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de Cultura escrita, linguagens e aprendizagem, e integrante do grupo de Estudos e Pesquisa: Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM). Professora Nível 6 da Escola Estadual de Ensino Médio Areal, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação, Formação Docente, Cultura Escrita e Imaginário.

Valeska Fortes de Oliveira

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria (1986), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (1990) e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995). Atualmente é professora titular do Departamento de Fundamentos da Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria. É professora credenciada no Programa de Pós-Graduação em Educação e coordenadora da linha de pesquisa: Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional. Participa do Comitê Científico do GT 08: Formação de Professores da ANPED. É líder do Grupo de Estudos sobre Imaginário Social e Educação (GEPEIS) e vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM), da UFPEL, RS. Desenvolve pesquisas e projetos de formação nas temáticas:

Imaginário Social, Educação Básica e Superior, Formação Inicial e Continuada. Pós-Doutora em Ciências da Educação (2007), pela Universidade de Buenos Aires (Argentina), onde coordena um seminário de doutorado intitulado “Imaginário Social e formação Docente”, com alunos da Pós-Graduação, da Faculdade de Filosofia e Letras. Pesquisadora de Produtividade em Pesquisa do CNPq.